



# Correferência e relativização na língua de sinais brasileira: descrição e verificação de hipóteses

## Coreference and relativization in Brazilian sign language: description and investigation of hypotheses

*Lizandra Caires do Prado\**

*Rozana Reigota Naves\*\**

*Heloisa Maria Moreira Lima Salles\*\*\**

**RESUMO:** Analisamos neste estudo as relações anafóricas em estruturas oracionais sintaticamente dependentes, considerando a hipótese da relativização em Língua de Sinais Brasileira (LSB). Tendo como pressuposto a teoria gerativa, investigamos: (i) as estruturas relativas são possíveis na LSB? (ii) há a presença ou não do antecedente e do relativizador? (iii) qual a função do elemento que ocupa a posição relativizada, caso esteja presente? Propomos que a criação da referência em LSB é feita por um localizador (Loc), realizado através da apontação de posições definidas no espaço de sinalização para indicar referentes presentes ou ausentes no espaço físico, os quais constituem a categoria dos determinantes, nessa língua. A partir dessa análise, estudamos a relação da correferência em estruturas que envolvem um antecedente e uma posição referencialmente vinculada em uma oração sintaticamente dependente, que postulamos corresponder a uma estrutura relativa. Pela análise dos dados, observamos que o morfema relativo não aparece lexicalmente realizado na sentença. Nesse sentido, as relativas em

**ABSTRACT:** We analyze in this study the anaphoric relations in syntactically dependent sentence structures, considering the hypothesis of relativization in Brazilian Sign Language (LSB). Assuming the generative theory, we investigate: (i) the relative structures are possible in the LSB? (ii) is there the presence or not of the antecedent and the relativizer? (iii) what is the function of the element that occupies the relativized position, if present? We propose that the creation of the reference in LSB is done by a localization (Loc), performed by pointing positions defined in the signaling space to indicate referents present or absent in physical space, which constitute the category of determinants in that language. From this analysis, we study the relation of the correlation in structures that involve a antecedent and a position referentially linked in a syntactically dependent sentence, that we postulate correspond to a relative structure. By analyzing the data, we observed that the relative morpheme does not appear lexically in the sentence. In this sense, the relative

\* Profa. Mestre em Linguística, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Doutoranda em Linguística, pela Universidade de Brasília – UnB. E-mail: [caireslizandra@gmail.com](mailto:caireslizandra@gmail.com).

\*\* Profa. Associada na Universidade de Brasília – UnB. Diretora do Instituto de Letras – IL, na mesma universidade. E-mail: [rnaves@unb.br](mailto:rnaves@unb.br).

\*\*\* Profa. Associada na Universidade de Brasília - UnB. E-mail: [heloisasalles@gmail.com](mailto:heloisasalles@gmail.com).

LSB ocorrem de três maneiras: (i) antecedente- Loc + nominal + elemento localizador relativizado manifesto ou nulo; (ii) antecedente- Loc + elemento localizador relativizado manifesto ou nulo; e (iii) antecedente- nominal + elemento localizador relativizado manifesto ou nulo. Além disso, o localizador que ocupa a posição relativizada pode ser apagado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Correferência. Estruturas relativas. Gramática Gerativa. Língua de Sinais Brasileira.

ones in LSB occur in three ways: (i) antecedent- Loc + nominal + relativized locative element manifested or null; (ii) antecedent- (Loc) + localized element relativized manifest or null; and (iii) antecedent- nominal + locative relativized manifest or null. In addition, the localization that occupies the relativized position can be erased.

**KEYWORDS:** Correferência. Relative structures. Generative Grammar. Sign Language of Brazil.

## 1. Introdução

A Língua de Sinais Brasileira – LSB (Libras)<sup>1</sup>, no que tange aos seus aspectos gramaticais, ainda é pouco conhecida. Diante desse fato, temos, por um lado, possibilidades inúmeras de descobertas nos diferentes níveis de análise, ou seja, nos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, e, por outro lado, encontramos as dificuldades naturais para identificarmos e, por vezes, criarmos caminhos/métodos investigativos que permitam compreender o seu funcionamento.

Partindo do pressuposto segundo o qual as línguas naturais, orais ou gestuais, desenvolvem-se a partir da Gramática Universal (GU), e, portanto, possuem os mesmos princípios e possibilidades paramétricas de variação, este estudo investiga a hipótese de que a correferência em estruturas sintaticamente dependentes na LSB se realiza como um processo de relativização. Nesse sentido, compreendemos que a estrutura das línguas de sinais (LS), as quais somente foram reconhecidas sob o *status* de língua a partir dos anos de 1960, e, particularmente, a estrutura da LSB

<sup>1</sup> Na literatura, encontramos diferentes formas de se referir à língua de sinais falada/gestualizada no Brasil pelos surdos. Os autores fazem referência a essa língua ora por Libras (ou LIBRAS), sigla para Língua Brasileira de Sinais; ora por LSB, sigla para Língua Brasileira de Sinais. Neste estudo, optamos pela referência LSB, por manter um padrão com as referências às outras línguas de sinais, tais como a LSF, Língua Francesa de Sinais, ou a ASL, Língua Americana de Sinais, por exemplo. Contudo, ao citarmos outros estudos relevantes para essa análise, preservaremos a opção referencial feita pelos respectivos autores.

compartilha propriedades formais, fonológicas e semânticas com outras línguas naturais, sejam elas de modalidade oral ou gestual<sup>2</sup>.

Assim, propomos uma análise acerca da correferência em orações da Língua de Sinais Brasileira, que correspondem às estruturas relativas em línguas como o português brasileiro, por exemplo. Em particular, trata-se de sentenças que apresentam correferência entre elementos de uma oração matriz e de uma oração encaixada, nas quais estão em relação três elementos principais, a saber, um antecedente, o morfema relativo e a posição relativizada<sup>3</sup>. Para tanto, partimos de estudos anteriores (PRADO; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, 2016; PRADO, 2014), os quais postulam que a criação da referência nominal em LSB ocorre por meio de um elemento denominado Localizador (Loc), realizado através da apontação de posições definidas no espaço de sinalização para indicar referentes presentes ou ausentes no espaço físico discursivo. Esses elementos, por sua natureza articulatória e gramatical, constituem, por hipótese, a categoria dos determinantes nessa língua.

Segundo Prado e Lessa-de-Oliveira (2012, 2016) e Prado (2014), a criação da referência de um item nominal é realizada através de um elemento Localizador (Loc), o qual ocuparia a posição do núcleo D<sup>o</sup>, da categoria dos determinantes, em LSB.

---

<sup>2</sup> O primeiro pesquisador a defender as línguas de sinais (LS) como línguas naturais foi Stokoe (1960). A sua proposta gira em torno de uma fonologia básica dessas línguas, na qual se observa tanto as unidades mínimas de constituição dos sinais como a sua relação com o todo. Esse pesquisador, procurando descrever a ASL (*American Sign Language*), propôs um esquema de análise linguística baseado em três elementos básicos, hoje denominados parâmetros (os quais nada têm em comum com a noção de parâmetro, segundo a perspectiva gerativa), que isolados não significam nada, mas em conjunto com outros elementos formam o que é conhecido como “sinal”, elemento de base, que corresponde ao signo linguístico na comunicação em línguas de sinais. Na descrição de Stokoe (1960), encontramos os parâmetros: *Tabula* (TAB), *Designator* (DEZ), e *Signation* (SIG), que ficaram conhecidos, respectivamente, como: *localização – configuração de mãos – movimento*. Depois se juntaram a esses os parâmetros *direção*, *expressão facial* e *orientação de palma* (Ver Battison, 1974, 1978), tratados também como *marcações não manuais*.

<sup>3</sup> As orações relativas, conhecidas pela gramática tradicional como orações adjetivas, apresentam a correferência entre elementos de uma oração matriz e de uma oração encaixada. Dessa forma, temos:

(i) Este é [o ator]<sub>i</sub> [que]<sub>i</sub> eu vi [Ø]<sub>i</sub> no cinema.

antecedente	morfema	posição
	relativo	relativizada

Nessa perspectiva, o Loc gramatical aparece na sentença através de duas formas foneticamente realizadas: (i) Loc-articulado e (ii) Loc não-articulado.

No primeiro caso, o Loc-articulado é compreendido dessa forma, uma vez que apresenta, em sua articulação, a unidade mínima que compõe um sinal em LS, a saber, M (mão)-L (locação)-Mov (movimento) (ver LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012)<sup>4</sup>. A referida autora propõe essa unidade mínima como ponto de partida para a sua proposta de um sistema de escrita linear trácico para as LS, chamado de Sistema de Escrita em Línguas de Sinais – SEL, o qual é adotado por Prado (2014), e por nós neste estudo, como uma das etapas para as descrições dos dados de pesquisa.

O Loc-articulado, segundo Prado (2014), é caracterizado por apresentar quatro formas de articulação<sup>5</sup>:

---

<sup>4</sup> Sobre a criação de um sistema de escrita em línguas de sinais, Lessa-de-Oliveira (2012) justifica como uma forma de facilitar a integração das pessoas surdas no mundo letrado. Dessa forma, essa ferramenta facilitaria a alfabetização na sua língua de sinais (brasileira, francesa ou inglesa, por exemplo), além de facilitar, enormemente, a aquisição da modalidade escrita da língua oral oficial de cada país, como o português escrito, por exemplo. Quanto à sua constituição, este sistema apresenta apenas 52 caracteres de configurações de mão, nas formas minúscula e maiúscula, ambas nas versões mecânica e manuscrita, com nomenclatura em português. Segundo a autora, a nomenclatura em português facilita a aquisição do SEL por ouvintes. Os *eixos*, divididos em três (*superior, anterior, lateral*), correspondem à posição da mão no início da realização do sinal, sendo marcado na posição acima do caractere de Mão. Intrínseco ao *eixo* está a orientação da palma, que pode ser de quatro tipos para cada eixo (*para frente, para trás, para dentro, para fora, para cima e para baixo*). O macrossegmento *Locação* representa um ponto do corpo envolvido na articulação da palavra, ou seja, o ponto do corpo que é tocado ou focalizado na realização do movimento de mãos. São 27 caracteres representados para *Locação*, na forma minúscula, nas versões mecânica e manuscrita. Quanto ao macrossegmento *Movimento*, este se divide em *movimento de mãos e de dedos*. O primeiro se compõe de *tipo, orientação e plano*. Na escrita SEL, plano e orientação são marcados por um traço, ou diacrítico, acrescido ao caractere de tipo de movimento. Segundo Lessa-de-Oliveira (2012, p. 171) “essa marcação dos três planos deu ao sistema SEL a condição de abarcar a tridimensionalidade do movimento”. Além disso, ainda há caracteres para marcar pontos de toque, de mãos e de dedos, e expressões faciais, quando essas forem traços formais constituintes do sinal, sem as quais o sinal não seria compreendido, os chamados ‘sinais psicológicos’. Para uma maior descrição sobre o SEL e formas de aprender o sistema, é possível acessar o blog (<http://sel-libras.blogspot.com.br/>), criado e atualizado pela autora.

<sup>5</sup> As transcrições em SEL dos exemplos de Prado (2014) em comparação com as transcrições deste estudo apresentam algumas diferenças estruturais do sistema, uma vez que esse sofreu modificações, chegando em um estágio no qual foi considerado como final.

- (i) com a mão configurada em zê ( - h):

ከጅገጽ ህላግ ሆኗል-ሆኗል\* (PRADO, 2014, p. 35).

LocP1<sub>Cinderela</sub> VER ROUPA

'Eu (Cinderela) vi o vestido'

- (ii) em cê-encolhido ( - ገ):

ገጻት ረዕሠሠገ ሰላህሠሠገ ሥሩጽታ ጠጠጽሠገ\* (PRADO, 2014, p. 40).

LocP3<sub>mulher</sub> MUITO BOM CORAÇÃO CORAÇÃO

'Ela tem um coração muito bom.'

- (iii) ele-espalmado ( - ገጠ):

ገጠሩት ጠጠጽገገ ከገገት ገጠጠጠጠ ጸጠጠጠጠ\* (PRADO, 2014, p. 41).

Loc<sub>mulher</sub> MULHER AMARELO CABELO ADOTIVA

'Esta mulher do cabelo amarelo é adotiva.'

- (iv) Loc articulado com as duas mãos ( -  / ገጠ - h):

ገጠጠጠ ሆገገገገ ጠጠጠ-ከገገ ጠጠጠጠጠ\* (PRADO, 2014, p. 42).

IR HISTÓRIA Loc<sub>História</sub> NARRAR

'Vou uma história narrar.'

As três primeiras configurações de mão são utilizadas para marcar pessoas, objetos, lugares ou pontos no espaço físico, os quais correspondem a referentes de sintagmas nominais presentes nas sentenças. Já a última configuração, referindo-se à história contida naquele livro, apresenta um traço [+ inanimado], segundo a análise de Prado (2014).

O Loc não-articulado (LocNA) é assim classificado, uma vez que, apesar de marcar elementos nominais no espaço físico discursivo, não apresenta em sua

constituição a unidade mínima articulatória (MLMov). Nesse sentido, o LocNA apresenta-se de três formas:

(i) Direção do olhar:

Figura 1 – Loc não-articulado do tipo direção do olhar.



Fonte: Prado (2014, p. 44).  
LocNA tartaruga / LocNA lebre.

(ii) Movimento de corpo:

Figura 2 – Loc não-articulado do tipo movimento de corpo.



Fonte: Prado (2014, p. 43).  
LocNA tartaruga / LocNA lebre.

(iii) Pontos inicial e final de verbos direcionais:

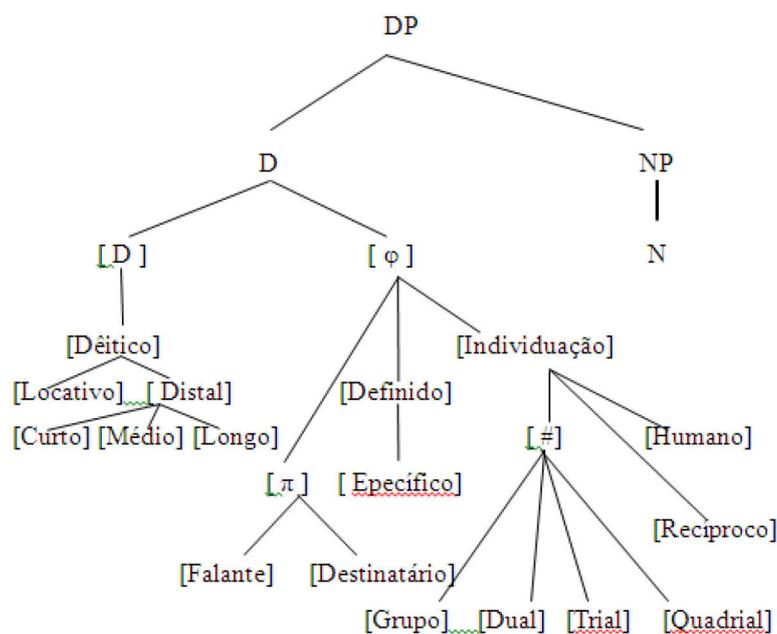
Figura 2 – Loc não-articulado do tipo pontos inicial e final de verbos direcionais



Fonte: Prado (2014, p. 46).  
EU-AVISAR-VOCÊ.

Por essa análise, apenas o primeiro LocNA, do tipo *direção do olhar*, apresenta traços gramaticais compatíveis com os Locs-articulados. Nesse sentido, o LocNA do tipo *movimento de corpo* apresenta, segundo a autora, apenas características de coesão textual (introdutor de discurso direto - podendo ser traduzido para algo do tipo: *e disse X:*), sendo, portanto, possível que as sentenças sejam realizadas gramaticalmente sem esse elemento. Quanto ao LocNA do tipo *pontos inicial e final de verbos direcionais*, Prado (2014) diz não ter analisado mais profundamente, por não ser o foco da sua pesquisa<sup>6</sup>. Dessa forma, apenas os Locs articulados e o LocNA do tipo *direção do olhar* seriam integrantes da categoria dos determinantes, ocupando, assim, a posição nuclear D<sup>o</sup>, na LSB. Nesse sentido, a estrutura arbórea que compõe os traços intrínsecos ao DP é a seguinte:

Figura 3 – Estrutura arbórea dos traços do DP em LSB.



Fonte: Prado (2014, p. 88).

Segundo Prado:

<sup>6</sup> Nesse sentido, seria necessária uma análise mais aprofundada acerca da composição das estruturas de núcleos verbais que apresentam o traço de movimento marcando os referentes nominais, para que se compreenda melhor o sistema referencial na categoria verbal.

a principal observação a ser feita aqui é quanto ao traço [D]. Segundo Carvalho (2008), o traço [D] codifica as informações nominais; a presença dele codifica o nominal como sendo um argumento; e este traço também dominaria as projeções contendo os traços [DEFINIDO] e [ESPECÍFICO]. Como a libras é uma língua que se articula no espaço físico, por sua natureza gestovisual, verificamos importância capital da dêixis *na construção da referenciação nominal*, como já discutiremos longamente acima. Assim, a codificação do referente nessa língua se dá, como vimos, com a anteposição ou pós-posição do Loc ao nome, mas também com nominais nus. Parece-nos, portanto, adequado separar o traço [D] do nó [ $\varphi$ ], conforme se verifica em (44). Dessa forma é que, em D encontra-se o traço [DÊITICO], que torna a checagem da raiz [D] obrigatória. Essa checagem é feita ou por Loc ou pelo nome (N). Se [D] é checado por Loc, temos a ordem Loc N (estrutura (45a)); se é checado pelo nome temos ou a ordem N-Loc (estrutura (46a)) ou um nominal nu (estrutura (47a)). Não vimos necessidade de trabalhar com os nós [PARTICIPANT] e [ $\pi$ ], como propõe Carvalho (2008), uma vez que, ao retirarmos o nó [D] do domínio de [ $\pi$ ], o contraste presença/ausência de [FALANTE] e [DESTINATÁRIO] codifica claramente o contraste entre as 1ª e 2ª pessoas, de um lado (especificadas como participantes do discurso), e a 3ª pessoa do outro (não especificada por não participar do discurso), ou seja, a não-pessoa nos termos de Benveniste. Acrescentamos os números [DUAL], [TRIAL] e [QUADRIAL] e os traços [HUMANO] e [RECÍPROCO] por esses serem traços observados em libras e deixamos os traços [ESPECÍFICO] e [DEFINIDO] como nós a parte de [ $\pi$ ] por entendermos que há Locs que codificam esses traços e que não codificam o traço de *pessoa* [ $\pi$ ]. Colocamos o traço [ESPECÍFICO] como subespecificação do [D], considerando a propriedade de referenciação desse traço, e o traço [DEFINIDO] como subespecificação de [INDIVIDUAÇÃO], considerando as propriedades discursivas desse traço (PRADO, 2014, p. 89).

A partir dessa análise, estudamos a relação de correferência em estruturas na LSB que envolvem um antecedente e uma outra posição referencialmente vinculada em uma oração sintaticamente dependente, que, segundo a nossa análise, corresponde a uma estrutura relativa encontrada nas línguas orais.

Para realizar esse estudo preliminar, analisamos trechos de textos narrativos em LSB, sinalizados por surdos falantes dessa língua.

Assim, partindo desses dados iniciais, nas seções seguintes, vamos analisar a correferência nas possíveis estruturas relativas em LSB. Na seção 1, fazemos um breve percurso teórico das análises mais recentes acerca das estruturas relativas em línguas orais, como o português. Na seção 2, apresentamos as construções que em LSB, segundo a nossa análise, correspondem às estruturas relativas, conforme observado em outras línguas (orais). Por fim, na seção 3, propomos uma análise formal dessas estruturas, tendo como base os pressupostos teóricos apresentados na primeira seção<sup>7</sup>.

## 2. Pressupostos teóricos

Fazendo um levantamento da literatura especializada, podemos perceber que, no que tange às estruturas relativas, existem muitos estudos desse fenômeno nas línguas de modalidade oroauditivas, como o português, por exemplo.

Como já mencionamos, as orações relativas são estruturas nas quais há uma relação de correferência entre um termo antecedente, um morfema relativo e uma posição relativizada. Nesse tipo de sentenças, podemos observar estruturas preposicionadas e não-preposicionadas, como exemplificado, respectivamente, a seguir:

- (1) A criança [a quem eu dei o brinquedo Ø] está muito feliz.
- (2) O menino [que saiu Ø] eu conheço.

Contudo, as estruturas relativas não são uniformes. Além da tradicional distinção entre relativas restritivas e explicativas, encontrada nas gramáticas descritivas, é interessante considerar a tipologia proposta nos estudos formais. Segundo Tarallo (1983), em português, as orações relativas se apresentam em diferentes subtipos:

- (i) Relativas Apositivas – *A pessoa, [que a Joana convidou Ø], não está à vontade.*

---

<sup>7</sup> As análises dos dados nesse estudo são ainda iniciais, e, portanto, apontam para possíveis caminhos de investigação, os quais serão analisados, mais profundamente, em estudos posteriores.

- (ii) Relativas Restritivas - *A pessoa [que a Joana convidou Ø] não está à vontade.*
- (iii) Relativas com antecedente – *João [que a Maria gosta Ø] está na festa.*
- (iv) Relativas não-Padrão - *Este é o homem [que a Maria gosta Ø].*
- (v) Relativas Padrão – *Este é o homem [de quem a Maria gosta Ø].*
- (vi) Relativas Livres – *[Quem a Maria gosta Ø] está na festa.*

Segundo o modelo tradicional, dentro da perspectiva gerativa (ROSS, 1967; CHOMSKY, 1981; ROUVERET, 1987), o sintagma nominal (NP – *Nominal Phrase*) é o alvo da relativização<sup>8</sup>. Nessa estrutura, o NP antecedente, presente na oração matriz, seria diferente do NP relativizado, localizado na oração encaixada. Por hipótese, a relação responsável por estabelecer um vínculo sintático entre esses dois NPs é a de adjunção. Dessa forma, temos:

(3) Este é [NP [NP o homem]<sub>i</sub> [de quem]<sub>i</sub> [a Maria gosta ti]]].

Nessa perspectiva, o NP [o homem]<sub>i</sub>, coindexado com o constituinte relativo [CP de quem], é modificado por esse constituinte, tendo, assim, a mesma interpretação referencial<sup>9</sup>. Por sua vez, a posição relativizada argumental da oração encaixada,

<sup>8</sup>No modelo da Regência e Ligação (cf. CHOMSKY 1986), o Sintagma Nominal (NP) é a projeção máxima de um núcleo nominal (N<sup>0</sup>), o qual pode selecionar (ou não) um complemento XP (por ex.: [N<sup>0</sup> casa [PP da Maria]]). Dessa concatenação N<sup>0</sup>-XP é projetada uma categoria intermediária N' (N' N<sup>0</sup> casa [PP da Maria]) que, por sua vez, pode projetar uma posição de especificador (Spec). Toda essa célula (composta por (Spec) + N' (N<sup>0</sup> + compl.)) constitui a projeção máxima NP que forma o Sintagma Nominal ([NP [N' N<sup>0</sup> casa [PP da Maria]]]). Para uma sistematização desse modelo, ver Miotto et al (2013). No Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), a estrutura sintagmática é projetada a partir da estrutura binária *Merge*, 'fundir', cujo efeito é semelhante ao da projeção dos níveis mínimo (X<sup>0</sup>), intermediário (X') e máximo (XP). Apresentamos as duas abordagens, uma vez que são necessárias para o entendimento das análises retrospectivas.

<sup>9</sup> Quando um item possui o mesmo índice, e, portanto, a mesma referência que outro item na sentença, dizemos que ele é coindexado. Isso significa que a sua interpretação está vinculada, necessariamente, à interpretação do item ao qual ele está vinculado. Contudo, existem regras para as possibilidades gramaticais de correferência entre esses elementos. Por exemplo, as anáforas devem ter: um antecedente, isto é, um elemento com o mesmo índice (i); esse antecedente deve c-comandar a anáfora; e deve estar dentro de um domínio, chamado "categoria de regência", que depende da presença da

ocupada pelo vestígio referencial ( $t_i$ ), é o ponto de origem da interpretação referencial da sentença, no qual o constituinte relativo e, por sua vez, o antecedente estão vinculados.

Outros estudos analisam as estruturas relativas possíveis nas línguas naturais. Cooper (1983) apresenta um estudo no qual identifica aspectos sintáticos distintivos entre as sentenças relativas restritivas vs relativas apositivas, e entre as relativas livres vs e as relativas com antecedente. Segundo o autor (p. 92-94): (i) apenas as relativas restritivas se iniciam com *that*; (ii) as relativas restritivas não podem ter como antecedente um nome próprio; (iii) somente as relativas restritivas podem ter como antecedente quantificadores universais; (iv) as relativas restritivas sempre antecedem as relativas apositivas; (v) numa mesma sentença, há a possibilidade de se ter encaixamentos de várias relativas restritivas, mas somente uma relativa apositiva.

Com relação à diferença entre sentenças relativas livres e com antecedente, Cooper (1983) afirma que as primeiras: (i) são sempre encabeçadas pelos morfemas 'quem', 'o que', 'onde', 'como' ou 'quando', e nunca pelo morfema 'que'; (ii) apresentam o morfema 'quem' para as estruturas relativas de sujeito e de objeto direto; (iii) apresentam, de forma exclusiva, o morfema 'o que'; (iv) antes do morfema relativo, nunca ocorre uma preposição, mesmo que o item relativizado seja preposicional, se essa preposição não é exigida no domínio da oração matriz; (v) as relativas apositivas nunca ocorrem sem antecedentes<sup>10</sup>.

Tarallo (1983), por sua vez, faz uma análise acerca das estruturas das sentenças relativas que distingue como padrão e não-padrão. Segundo o autor, essas

---

anáfora, do regente da anáfora e de um sujeito independente da anáfora. Já os pronomes: podem, ou não, ter um antecedente; se houver antecedente, ele não pode c-comandar o pronome dentro da sua categoria de regência, mas pode c-comandá-lo fora desse domínio. Por sua vez, as expressões referenciais: não precisam de antecedente, porque têm autonomia referencial; e, caso haja antecedente, elas não podem c-comandar a expressão-R em nenhum domínio (MIOTO et al, 2013).

<sup>10</sup> A exemplificação dos pronomes relativos com dados do português é adaptação nossa.

estruturas envolvem operações de movimento-wh e apagamento, respectivamente<sup>11</sup>. Nessa perspectiva, as estratégias padrão das sentenças relativas envolvem movimento-wh, nas quais o morfema 'que' deixa o seu vestígio na oração encaixada, sua posição de origem, como em:

a pessoa<sub>i</sub> [de quem<sub>i</sub> [o Pedro ama t<sub>i</sub>]].

Já para as estratégias não padrão, classificadas como resumptiva (cf. (5)) e cortadora (cf. (6)), além do subtipo *gap-leaving* (cf. (7)), definido por Tarallo (1983), ocorre um referente foneticamente realizado na posição relativizada, no primeiro caso, ou o apagamento desse elemento, nos dois últimos. Nesses exemplos, a diferença entre (6) e (7) está na posição relativizada (objeto vs sujeito, respectivamente).

a pessoa<sub>i</sub> [que<sub>i</sub> [o Pedro ama ela<sub>i</sub>]].

a pessoa<sub>i</sub> [ que<sub>i</sub> [o Pedro ama Ø<sub>i</sub>]].

a pessoa<sub>i</sub> [que<sub>i</sub> [ Ø morreu]].

Em nossa análise, contudo, tomamos como pressuposto a proposta de Smith (1964), a qual será desdobrada no estudo posterior de Kayne (1994). Nesse sentido, Smith (1964) postula que é o Sintagma Determinante (DP) de um Sintagma Nominal (NP) que irá determinar não só se um referente pode incorporar uma sentença relativa, mas, se possível, qual a estratégia de relativização é possível naquela estrutura, apositiva e/ou restritiva, ou seja, existe uma restrição seletional entre DPs e estruturas relativas. Assim, para a autora, a intuição dos falantes sobre o traço de (in)definitude corresponde a uma classificação necessária para as regras de

---

<sup>11</sup> O movimento-wh é um fenômeno que ocorre em frases interrogativas com a presença de um elemento-Wh/Qu (interrogativo), a fim de satisfazer o traço formal correspondente na projeção CP situada na periferia da oração (ver CHOMSKY, 1981).

incorporação, sendo o traço de indefinidade relacionado às estratégias de relativas restritivas, e o traço de definitude relacionado às estratégias de relativas apositivas.

Nessa perspectiva, referentes nominais com nomes próprios não aceitam relativas restritivas, uma vez que esse N<sup>o</sup> já traz consigo um traço forte de definitude, indicando uma pessoa específica no mundo, e não outra, como mostra os dados de Smith (1995, p. 38)<sup>12</sup>:

John, who knows the way, has offered to guide us.

\* John who knows the way has offered to guide us.

Já um DP indefinido não aceita uma relativa apositiva, necessitando, assim, de uma relativa restritiva que contribua para a sua definição (10 e 11), em oposição com um DP definido (12), como observa Smith (1964, p. 38):

\*Any book, which is about linguistics, is interesting.

Any book which is about linguistics is interesting.

The book, which is about linguistics, is interesting.

Segundo Smith (1964, p. 38), há, ainda, DPs que podem selecionar tanto estruturas de relativas restritivas quanto apositivas:

They pointed to a dog who was looking at him hopefully.

They pointed to a dog, who was looking at him hopefully.

Dessa forma, observa-se que o marcador relativo parte do DP, o qual terá o marcador de relativas restritiva ou de relativa apositiva, quando aceitar um ou outro, com relação ao seu traço de (in)definitude. Como afirma Smith (1964, p. 38):

---

<sup>12</sup> Em outra interpretação na qual se procure distinguir entre duas pessoas com o mesmo nome, *John* (a) e *John* (b), caberia uma estrutura de relativa restritiva, para determinar sobre qual *John* se está falando (a) ou (b).

“(...) determiners are developed by expansion rules at the phrase structure level of the grammar. An additional element, a relative marker, will be produced as part of the determiner. Determiners will have R and/or A relative clauses. The relative transformation will be applicable only to noun phrases that have the appropriate relative markers, and will adjoin to sentences as relative clauses to the markers. Phrase structure rules to produce determiners with the appropriate relative markers follow only those determiners immediately relevant to the embedding rules are included here (SMITH, 1974, p. 38).

Assim, segundo essa proposta, percebe-se que nem todo NP aceita ambos os tipos de relativas. Isso vai depender de dois fatores: (i) do DP que contém o NP; e (ii) do tipo de relativa que ocorre com ele.

Para Kayne (1994), ao contrário do modelo tradicional proposto por Ross (1967), Chomsky (1981) e Rouveret (1987), e baseado na proposta de Smith (1964), postula que o alvo da relativização não seria o NP, mas, antes, o CP (*Sintagma Complementador*). Assim, a estrutura para as sentenças relativas, segundo Kayne (1994), apresenta uma configuração na qual um núcleo determinante externo (D<sup>o</sup>) seleciona como complemento um CP, o qual tem como núcleo (C<sup>o</sup>) o morfema relativo. O autor apresenta, dessa forma, as seguintes estruturas para as relativas:

- (i) Relativas-that – [DP the [CP picture<sub>i</sub> [C' that [IP Bill saw t<sub>i</sub>]]]];
- (ii) Relativas-wh – [DP the [CP [DP picture<sub>j</sub> [D' which t<sub>j</sub>]]]<sub>i</sub> [C<sup>o</sup> [IP Bill saw t<sub>i</sub>]]];
- (iii) Relativas pied-pipping – [DP the [CP [PP hammer<sub>j</sub> [P' with [DP (t<sub>j</sub>) witch t<sub>j</sub>]]]] [C<sup>o</sup> [IP he broke it e<sub>i</sub>]]]];

Para as estruturas relativas do tipo apositivas, Kayne (1994) assume a proposta de Cooper (1983) e Smith (1964), segundo a qual o antecedente pode ser um nome próprio.

Partindo da proposta de movimento-wh *vs* apagamento, de Tarallo (1983), e adotando a essência da proposta de Kayne (1994), Kenedy (2002) propõe que em relativas preposicionais o que existe é um constituinte complexo único, o qual é

composto pela preposição e pelo determinante ([P + D])<sup>13</sup>. Dessa forma, quando o determinante é alçado na sentença, ele carrega consigo a preposição, no caso das relativas padrão (*[a moça]<sub>i</sub> com a qual<sub>i</sub> eu falei t<sub>i</sub>*), ou esse núcleo preposicional coocorre com um resumptivo (*[a moça]<sub>i</sub> que<sub>i</sub> eu encontrei com ela<sub>i</sub>*), no caso das relativas não padrão. Para as sentenças relativas não-padrão do tipo cortadora, nas quais o resumptivo não é realizado foneticamente, o que ocorre é que, segundo essa análise, quando a cópia do determinante é apagada, torna-se obrigatório também o apagamento da preposição, na forma fonética (PF – *Phonetic Form*) (*[a moça]<sub>i</sub> que<sub>i</sub> eu encontrei ~~com~~ t<sub>i</sub>*).

Em uma outra perspectiva, Kato (1993) assume uma proposta distinta dos autores mencionados acima. Para a autora, a ligação do operador relativo-wh a uma posição vazia (variável) na sentença é o único processo que regula os três tipos de estratégias de relativização, no português brasileiro. Assim, a diferença entre as estratégias resumptiva e cortadora, de um lado, e a estratégia padrão, de outro, não tem a ver com a natureza categorial do complementador, mas, sim, com a posição da variável, a qual seria, segundo essa análise, universalmente disponível. Dessa forma, quando a variável está estruturalmente alocada fora do IP, temos as estratégias não-padrão (resumptiva e cortadora), e, na outra ponta, quando a variável encontra-se dentro do IP, temos a estratégia padrão. A autora postula que o elemento 'que', o qual introduz a sentença relativa é um pronome relativo e, assim, ocupa a posição de núcleo do determinante, e não a posição nuclear do complementizador, como defendido nas propostas anteriores. Kato (1993) afirma que, nas estratégias não-padrão das estruturas relativas, o ponto de partida da relativização é uma posição que ela chama de LD (*Left Dislocation*), situada entre a posição do CP e do IP. Logo, teríamos as seguintes estruturas:

---

<sup>13</sup> Nesse aspecto, o autor assume uma análise de estruturas Wh/Qu com pied-piping da preposição, conforme proposto em Salles (1997; 2001).

Relativa Padrão – a mulher [<sub>CP</sub> com quem<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> [eu jantei [<sub>PP</sub> t<sub>i</sub>] hoje].

Relativa não-padrão - a mulher [<sub>CP</sub> que<sub>i</sub> [[<sub>LD</sub> t<sub>i</sub>] [<sub>IP</sub> [eu jantei [<sub>PP</sub> com ela<sub>i</sub>] hoje].

Posteriormente, Kato e Nunes (2007) reforçam a proposta de Kato (1993), segundo a qual as estratégias relativas não-padrão têm como ponto de partida da relativização uma posição LD, sendo o movimento da posição da variável a única estratégia sintática para os três tipos de relativas (padrão, resumptiva e cortadora). Dessa forma, Kato e Nunes (2007) postulam que as estratégias de relativas não-padrão envolvem uma adjunção do DP, uma vez que, para as relativas restritivas, o morfema relativo que é um pronome relativo. Nessa análise, temos as seguintes estruturas:

Relativas padrão – [o [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> livro<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>IP</sub> aquela pessoa vendeu t<sub>k</sub>]]];

Relativas resumptiva – eu vi [uma [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> mulher<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [<sub>IP</sub> ela<sub>i</sub> é muito bonita]]]]];

Relativas com resumptivo nulo – este é [o [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> livro<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [<sub>IP</sub> eu entrevistei a pessoa que escreveu pro<sub>k</sub>]]]]].

Como mencionamos, neste estudo assumimos a proposta teórica de análise das estruturas relativas de Smith (1964), por apontar, pela primeira vez, a importância do DP antecedente na seleção da estrutura relativa (restritiva e/ou apositiva) a ele incorporado, e Kayne (1994), por partir da proposta de Smith (1964), no que tange aos traços do DP (para ele, externo) na seleção de relativas, além de analisar estruturas as quais identificamos como análogas à LSB, por ambas não apresentarem um morfema relativo foneticamente realizado<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Fazemos uma abordagem mais ampla dessas estruturas na seção 4 desse estudo.

### 3. Metodologia

Neste estudo realizamos uma descrição e análise, ainda em fase inicial, das estruturas de referência e correferência em LSB. Para tanto, optamos por explorar essas estruturas no domínio das sentenças relativas, por ser a anáfora, responsável pela correferência, um elemento essencial da sua constituição sintática.

Inicialmente, utilizamos os dados coletados por Prado (2014), os quais são compostos por narrativas em LSB realizadas por surdos falantes dessa língua como L1<sup>15</sup>. As narrativas foram realizadas sem que houvesse qualquer interferência do pesquisador, ou qualquer suporte de outra língua, como o português. Os participantes foram convidados a narrar uma história conhecida por eles, ficando livres para escolher o episódio narrado.

As gravações foram realizadas em uma sala, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *campus* de Vitória da Conquista, e, posteriormente, foram transcritas em três etapas. Inicialmente, foi realizada a transcrição dos dados no Sistema de Escrita em Línguas de Sinais – SEL, criado por Lessa-de-Oliveira (2012). Em seguida, foi realizada a transcrição por glosas, para uma melhor interpretação do pesquisador e, por fim, foi proposta uma possível tradução dos dados em português. Não houve uma verificação do conteúdo por surdos falantes de Libras-Português.

Além disso, nesse estudo, optamos por compor uma ilustração das sentenças analisadas, para facilitar a compreensão dos pesquisadores que não conhecem a LSB. Dessa forma, recortamos das gravações os quadros que mostram a articulação de cada sinal das sentenças analisadas, seguidos das transcrições correspondentes<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> L1 é o termo utilizado no âmbito da teoria gerativa para fazer referência a primeira língua, ou língua materna dos falantes, cuja aquisição ocorre via acesso direto à Gramática Universal (GU), uma vez que os parâmetros ainda não estão marcados para uma língua particular. Já o termo L2 trata da segunda língua, na qual a aquisição ocorre via acesso indireto à GU, por meio dos parâmetros já marcados da L1.

<sup>16</sup> Em estudos posteriores, realizaremos a coleta de dados compostos por sentenças isoladas, realizadas também por surdos falantes de LSB como L1, para a análise das possíveis estratégias relativas em LSB,

#### 4. Resultados

No tocante às línguas orais, como o português, é possível encontrar uma vasta literatura sobre os mais diferentes níveis linguísticos e, mais precisamente, é possível encontrar uma grande quantidade de estudos que se dedicam à análise das estruturas relativas, como visto na seção anterior. Entretanto, como mencionamos, o mesmo não ocorre com as línguas de sinais.

Até o presente momento, pouco conhecemos acerca do sistema gramatical da Língua de Sinais Brasileira e, também, das suas estruturas relativas. Acerca desse tema, é possível encontrar referências nos estudos de Quadros, Pizzio e Rezende (2008) e Prado (2014). Vejamos, mais detidamente, essas abordagens.

Quadros, Pizzio e Rezende (2008) fazem uma breve descrição acerca de como essa estrutura se apresenta nessa língua. Segundo as autoras, as sentenças relativas em LSB

são aquelas em que há uma inserção dentro da sentença para explicar, para acrescentar informações, para encaixar outra questão relativa ao que está sendo dito. Nessas sentenças, normalmente utiliza-se QUE na língua portuguesa; na língua de sinais há uma quebra na expressão facial para anunciar a sentença relativa que é produzida com a elevação das sobrancelhas. Por exemplo, A MENINA QUE CAIU DA BICICLETA ESTÁ NO HOSPITAL. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008, p. 6).

Por sua vez, Prado (2014) apresenta algumas estruturas sintáticas em LSB, cujas propriedades, inicialmente, parecem ser semelhantes às das sentenças relativas, em línguas orais, como o português, por exemplo<sup>17</sup>. Todavia, é importante observar o

---

no sentido de aprofundar ainda mais as análises dessas estruturas, uma vez que ainda pouco conhecemos acerca desse tópico nessa língua.

<sup>17</sup> Cabe observar, contudo, que o foco do estudo de Prado (2014) concentra-se na estrutura gramatical da categoria dos determinantes (DPs), e não nas estruturas relativas. Por esse motivo, a autora apresenta dados com realizações de possíveis estruturas relativas em LSB, mas não se aprofunda em sua análise.

modo como esses dados foram coletados pela autora, fato que pode influenciar na análise final dessas estruturas. Nesse sentido, foram apresentadas aos falantes de LSB sentenças com diferentes estruturas relativas em português e solicitado que eles realizassem essas sentenças na língua de sinais. Assim, a autora apresenta os seguintes dados (PRADO, 2014, p. 62):

(15)

- a.  $\text{h}\text{a}\text{t}$   $\text{v}\text{u}\text{e}\text{t}$   $\text{M}\text{I}\text{O}\text{u}\text{f}\text{m}\text{I}\text{O}$   $\text{J}\text{M}\text{I}\text{e}\text{J}\text{O}$   $\text{e}$   $\text{J}\text{U}\text{A}\text{E}\text{J}$ .
- Loc<sub>homem</sub> HOMEM MARIA GOSTA EU CONHECER  
 ‘Este homem que Maria gosta eu conheço.’
- b. \*  $\text{v}\text{u}\text{e}\text{t}$   $\text{h}\text{e}\text{t}$   $\text{M}\text{I}\text{O}\text{u}\text{f}\text{m}\text{I}\text{O}$   $\text{J}\text{M}\text{I}\text{e}\text{J}\text{O}$   $\text{e}$   $\text{J}\text{U}\text{A}\text{E}\text{J}$ .
- HOMEM Loc<sub>homem</sub> MARIA GOSTA EU CONHECER  
 ‘O homem que Maria gosta eu conheço.’
- c. \*  $\text{v}\text{u}\text{e}\text{t}$   $\text{M}\text{I}\text{O}\text{u}\text{f}\text{m}\text{I}\text{O}$   $\text{J}\text{M}\text{I}\text{e}\text{J}\text{O}$   $\text{e}$   $\text{J}\text{U}\text{A}\text{E}\text{J}$ .
- HOMEM MARIA GOSTA EU CONHECER  
 ‘Homem que Maria gosta eu conheço.’

Analisando as sentenças acima, Prado (2014) mostra que o elemento Loc é gramatical na posição anteposta ao nome, em posição correspondente ao antecedente relativo – Cf. (15a-  $\text{h}\text{a}\text{t}$   $\text{v}\text{u}\text{e}\text{t}$  ‘este homem’) –, mas é agramatical na posição posposta a esse nome antecedente – Cf. (15b- \*  $\text{v}\text{u}\text{e}\text{t}$   $\text{h}\text{e}\text{t}$  ‘o homem’). O exemplo em 15c (\*    ) mostra que a ausência de um Loc acompanhando um nome  $\text{v}\text{u}\text{e}\text{t}$  antecedente em contexto referencial também torna a sentença agramatical.

Com relação às relativas restritivas e apositivas, Prado (2014, p. 63) mostra que os Locs articulado (16a) e não-articulado do tipo direção do olhar (16b) podem

funcionar como antecedente de sentenças relativas, assemelhando-se a proformas<sup>18</sup>. Além disso, em (16c) podemos identificar que a ausência de um Loc, articulado ou não-articulado, na posição de antecedente torna a sentença agramatical. Dessa forma, segundo a autora, o Loc “é portador das propriedades gramaticais do antecedente relativo” (PRADO, 2014, p. 63).

(16)

a.  $\lambda\theta\text{-}\iota$ ,  $M\lambda\theta\iota\text{-}\epsilon\mu\lambda\theta$   $m\lambda\psi\text{-}\gamma\mu\psi\epsilon\lambda\theta\theta$ ,  $(h\upsilon\Gamma)$   $\lambda\theta\text{-}\gamma\lambda\gamma$   $h\upsilon\Phi$  .  
 Loc<sub>homem</sub> MARIA CONVIDAR (É) EDUCADO NÃO  
 ‘Ele, que Maria convidou, não é educado.’

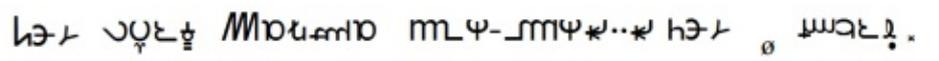
b. (Loc<sub>EU</sub> olha para Loc<sub>homem</sub>)  $M\lambda\theta\iota\text{-}\epsilon\mu\lambda\theta$   $m\lambda\psi\text{-}\gamma\mu\psi\epsilon\lambda\theta\theta$   $(h\upsilon\Gamma)$   
 Loc<sub>homem</sub> MARIA CONVIDAR (É)  
 $\lambda\theta\text{-}\gamma\lambda\gamma$   $h\upsilon\Phi$  .  
 EDUCADO NÃO  
 ‘Ele, que Maria convidou, não é educado.’

c. \* \_\_\_\_\_  $M\lambda\theta\iota\text{-}\epsilon\mu\lambda\theta$   $m\lambda\psi\text{-}\gamma\mu\psi\epsilon\lambda\theta\theta$   $(h\upsilon\Gamma)$   $\lambda\theta\text{-}\gamma\lambda\gamma$   $h\upsilon\Phi$  .  
 MARIA CONVIDAR (É) EDUCADO NÃO  
 ‘\_\_\_\_\_ Maria convidou não é educado.’

Prado (2014) apresenta, também, uma estrutura que, em LSB, corresponde a uma estrutura de relativa não-padrão do tipo resumptiva, no português, tendo como pronome resumptivo um Loc.

<sup>18</sup> Prado (2014) baseia-se na proposta da Geometria de Traços (BÉJAR, 2003; CARVALHO, 2008), para postular que os Locs do tipo proforma são resultado de uma elipse nominal (TORREGO, 1988), uma vez que o seu feixe de traços ([D [Dêítico] [Específico]] [<sub>φ</sub> [π [Falante] [Individuação [Definido]]]) apresenta uma configuração capaz de criar ele mesmo a referência sentencial, e, portanto, capaz de criar a elipse do nome.

(17)


  
 Lo<sub>homem</sub> HOMEM MARIA CONVIDAR Locp3<sub>homem</sub> EU CONHECER

‘O homem que Maria convidou ele eu conheço.

Fazendo uma comparação entre a descrição da estrutura relativa proposta por Quadros, Pizzio e Rezende (2008) e os dados apresentados por Prado (2014), não é possível encontrar nenhuma pista que corrobore ou não a existência de algum tipo de elemento que funcionaria como um morfema relativo, tal como uma “quebra na expressão facial para anunciar a sentença relativa que é produzida com a elevação das sobrancelhas” (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008, p. 6), uma vez que esses dados específicos, coletados e testados por Prado (2014), não foram gravados em vídeo e não houve qualquer menção acerca de uma possível pausa na introdução da relativa, ou não.

Dessa forma, para identificar a possibilidade dessa suposta estrutura em LSB, voltamos aos dados de Prado (2014), compostos por narrativas nessa língua, e selecionamos estruturas que, em nossa análise, correspondem às relativas.<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Os dados apresentados em (15), (16) e (17) foram coletados por Prado (2014). Esse trabalho está vinculado à pesquisa intitulada “Inclusão de pessoas surdas no mundo letrado: proposta de criação de um sistema de escrita para Libras e de métodos de alfabetização em libras e em português para pessoas surdas”, coordenado pela Profa. Dra. Adriana Stella C. Lessa-de-Oliveira, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Processo: 483450/2009-0) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB (Termo de Outorga: PPP 0080/2010), com aprovação do Comitê de Ética/UESB, processo nº 065/2009.



c)

mulher amarelo cabelo LOC<sub>cinderela</sub> muito.intens. bom.intens. coração

coração feliz legal LOC<sub>cinderela</sub>

‘Cinderela, ela, que tem um bom coração, ela ficou feliz’.

d)

mulher amarelo cabelo LOC<sub>cinderela</sub> trabalhar.intens. convite voar

olhar convite assustada LOC<sub>convite</sub>

‘A Cinderela, que trabalha muito, olhou assustada o convite’.

composto ‘filha adotiva’ é inserido um numeral (<sup>v</sup>DUAS), dando a interpretação de que a Bruxa possui dois “tipos” de filhas: as suas naturais e uma adotada (a Cinderela). Assim, temos a apresentação inicial de pessoas e/ou personagens em LSB em duas etapas: primeiro, a soletração manual do seu nome, através da configuração de mão correspondente a cada letra do alfabeto; e, em seguida, a apresentação do seu sinal, o qual é, geralmente, ligado a algum aspecto físico que lhe seja marcante. Nas referências posteriores, cada pessoa/personagem é inserida no discurso apenas pelo seu sinal correspondente.

De acordo com as sentenças em (18), podemos observar, de forma um pouco mais aprofundada, a composição das estruturas interpretadas neste estudo como relativas, em LSB. É interessante observar que em nenhuma das estruturas aparece algum elemento que, em um primeiro momento, faz o papel do morfema relativo, ou algo equivalente, como, por exemplo, uma pausa marcada pela elevação das sobrancelhas, tal qual apontam Quadros, Pizzio e Rezende (2008). Mas observemos cada sentença, detidamente.

Em (18a), o papel do antecedente é realizado pelo Loc articulado  $h\text{ə}^{\text{h}}$  (LOCLEBRE). Esse elemento é seguido por um sinal que analisamos como elemento coesivo, uma vez que trata-se do trecho de uma narrativa<sup>22</sup>. Dessa forma, esse elemento pode ser interpretado, nesse contexto, como algo do tipo "... a Lebre, desdenhando da Tartaruga...". Em seguida, tem-se a oração encaixada  $\overset{\epsilon}{\parallel} \text{g} \text{-} \overset{\text{ə}}{\text{ə}} \text{f} \text{t} \cdot \text{f} \text{t} \parallel$  ("Ø corria muito"), representada por apenas um sinal/palavra CORRER acrescido de uma marcação de intensidade, representada pela intensificação no movimento verbal e pela expressão facial mais marcada, na modalidade falada, e pelo elemento gráfico  $\parallel$  no início e no final da transcrição do sinal, de acordo com as regras do sistema de escrita adotado (SEL). Nesse caso, o elemento relativizado não é foneticamente realizado na sentença, e, portanto, marcamos a posição desse elemento como Ø.

Analogamente, temos a sentença em (18b), na qual o termo antecedente é o nominal  $\overset{\text{ə}}{\text{v}} \text{z} \text{z}^{\text{ə}}$  (BRUXA), correspondendo a um nome próprio, seguido da oração encaixada  $\overset{\text{ə}}{\text{w}} \text{r} \text{w} \text{w} \text{r} \text{y}$  (FILHAS)  $\overset{\text{v}}{\text{v}}$  (DUAS) ("Ø tinha duas filhas..."). Nesse caso, o termo antecedente é representado apenas por um nome sem a presença de um Loc, anteposto ou posposto, o que não tornou a sentença agramatical, como demonstrado

<sup>22</sup> A sentença apresentada em (18a) foi retirada dos dados gravados pelo participante surdo, filho de pais ouvintes, com aquisição da LSB por volta dos 12 anos. Trata-se de um trecho da história "A Lebre e a Tartaruga".

no exemplo em (15c), com um nome comum como antecedente, e em (16c), com um nome próprio como antecedente, de acordo com Prado (2014). Contudo, por hipótese, assumimos que o apagamento do Loc apenas é possível quando o N ([D [Específico]] [ $\varphi$  [Individuação [Definido]]) for um nome próprio, devido ao seu conjunto de traços formais que o permite checar sozinho o traço referencial, o que corrobora com as propostas de Smith (1964), Cooper (1083) e Kayne (1994)<sup>23</sup>.

Em (18c), temos uma estrutura interpretada nesse estudo como tópicocomentário, na qual o tópico é referenciado pelo NP que compõe o nominal composto

'Cinderela' ( $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}} \overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$  'MULHER'  $\overset{\alpha}{\text{ከረታ}}$  'AMARELO'  $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$  'CABELO'), seguido pelo

localizador  $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$  'LOCCINDERELA', que exerce o papel de antecedente da relativa<sup>24</sup>. Esse Loc tem uma característica interessante, pois possui o traço [+ humano], segundo a análise de Prado (2014) e as observações feitas naquele estudo. Nesse sentido, devido ao seu conjunto de traços formais ([D[Dêitico]][Específico]] [ $\varphi$ [ $\pi$ ][Indiv.[Definido]][Humano]]),

podemos ter um indício de que se trata de uma estrutura na qual o Loc  $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$  'LOCCINDERELA' cria, sozinho, a referência, como termo antecedente, em oposição à interpretação na qual

ele se comportaria como um determinante na estrutura NP D<sup>o</sup>, como em (18d)  $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$

'MULHER'  $\overset{\alpha}{\text{ከረታ}}$  'AMARELO'  $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$  'CABELO'  $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$  'LOCCINDERELA', na qual o Loc

$\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$  posposto ao nominal composto, ou expressão definida  $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$   $\overset{\alpha}{\text{ከረታ}}$   $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$

<sup>23</sup> De acordo com Prado (2014), um nome próprio carrega em si um conjunto de traços formais que o permite checar sozinho o traço de referencialidade via movimento de N<sup>o</sup> para D<sup>o</sup> e, portanto, pode ocorrer o apagamento do Loc. Nesse caso, a estrutura arbórea seria representada pelo seguinte esquema (PRADO, 2014, p. 92):

<sup>24</sup> Os nomes, em LS, são, geralmente, constituídos a partir de características físicas ou psicológicas dos seus referentes, permanecendo invariável, mesmo que tal característica seja modificada, como um corte diferente de cabelo, por exemplo (ver FERREIRA, 2010). Dessa forma, para o referente Cinderela

temos os sinais para ( $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$  'MULHER') ( $\overset{\alpha}{\text{ከረታ}}$  'AMARELO') ( $\overset{\alpha}{\text{ገሥታ}}$  'CABELO'), os quais em conjunto formam o seu referente específico, e nenhum outro em seu lugar. Ver também nota 20.



Por fim, em (18d), temos o antecedente, formado pelo nominal composto  $\overset{\alpha}{\text{m}}\overset{\alpha}{\text{h}}\overset{\alpha}{\text{y}}$  ‘MULHER’  $\overset{\alpha}{\text{h}}\overset{\alpha}{\text{z}}\overset{\alpha}{\text{t}}$  ‘AMARELO’  $\overset{\alpha}{\text{m}}\overset{\alpha}{\text{o}}\overset{\alpha}{\text{t}}$  ‘CABELO’ ‘Cinderela’, seguido pelo Loc  $\overset{\phi}{\text{h}}\overset{\phi}{\text{a}}$  ‘LOCCINDERELA’. Nesse caso, devido ao conjunto de traços formais selecionados pelo Loc posposto, como vimos acima, interpretamos essa estrutura como um N-Loc, a qual constitui o termo antecedente da estrutura relativa, em contraposição ao dado em (15b), apresentado por Prado (2014), que diz ser essa uma estrutura agramatical. Em seguida, tem-se a oração encaixada  $\overset{\phi}{\text{g}}\overset{\phi}{\text{-}}\overset{\phi}{\text{g}}\overset{\phi}{\text{.}}\overset{\phi}{\text{g}}\overset{\phi}{\text{||}}$  ‘Ø trabalha muito’.

Comparando os dados em (15) e (18), podemos ver que, em sentenças, inicialmente classificadas como apositivas em LSB, o Loc funciona como um pronome resumptivo, e, nesse caso, constitui, sozinho, um DP, enquanto que em sentenças restritivas ele tem papel de determinante, em concordância com a análise de Prado 2014. Nesse sentido, segundo a nossa análise, essa não é meramente uma questão de mudança de posição, mas de mudança de estrutura. Assim, como demonstrado em (18b), um item nominal (NP) ocorre isolado como antecedente relativo, nessa língua, fato que pode ser explicado pelo conjunto completo de traços- $\phi$  dos nomes próprios. Além disso, não encontramos nos dados nenhum elemento que exerça a função do morfema relativo, como pausas com elevação de sobrançelha que marquem a introdução das sentenças encaixadas, tal qual afirmam Quadros, Pizzio e Rezende (2008). Já comparando os exemplos em (17) e (18d), podemos ter uma possível indicação de estruturas nas quais ocorrem termos resumptivos nas orações encaixadas das estratégias relativas. Contudo, ainda são necessários estudos mais aprofundados para sabermos, ao certo, quais estratégias são gramaticais e como elas estão estruturadas em LSB.

## 5. Considerações finais

Esse estudo, ainda preliminar, buscou desenvolver uma primeira descrição e análise acerca da referência e da correferência nas estruturas interpretadas como relativas em LSB. Nesse sentido, fizemos uma introdução abordando os pressupostos desse estudo, de base gerativista. Dessa forma, construímos a nossa análise, partindo da proposta de Prado e Lessa-de-Oliveira (2012; 2016) e Prado (2014) acerca da categoria dos determinantes (DPs), nessa língua.

Segundo esses estudos, a categoria DP em LSB é constituída por elementos localizadores (Locs), os quais identificam elementos no espaço físico discursivo, estando esses presentes ou ausentes no momento da enunciação. Os Locs que compõem essa categoria são os Locs articulados, que apresentam a unidade mínima articulatória MLMov (cf. LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012), e os Locs não-articulados do tipo direção do olhar.

De acordo com Prado (2014), a criação da referência pode ocorrer através de quatro formas: (i) Loc-elipse nominal, quando esse apresenta um conjunto de traços formais ([D[Dêítico][Específico]] [φ[τ][Indiv.[Definido][Humano]]) que o capacita a criar a referência, de forma isolada, licenciando, assim, a elipse nominal; (ii) Loc anteposto ao nominal, criando a ordem Loc-N, na qual o Loc seleciona um conjunto de traços formais [D[Dêítico][Específico]] [φ [Individuação [Definido]] menor que o anterior; (iii) Loc posposto ao nominal, criando a ordem N-Loc, na qual o Loc, selecionando os traços [φ [Individuação [Definido]], permite que o N seja alçado para D, por adjunção, e verifique o traço dêitico [D]; e (iv) *bare noun*, ou nome nu, na qual o N ([D [Específico] [φ [Individuação [Definido]]) sozinho é capaz de verificar o traço dêitico e cria a referência, sem a presença de um Loc determinante. Segundo essa análise, o traço principal que rege essas estruturas, independente da ordem, é o traço dêitico [D].

A partir desses pressupostos, propomos o nosso estudo, ampliando a análise para a correferência em estruturas relativas na LSB. Acerca desse tema,

encontramos apenas duas referências na literatura especializada nessa língua. Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2008), as sentenças relativas em LSB são introduzidas por uma quebra, marcada por uma expressão facial, expressa por levantamento de sobrancelhas, indicando o início da sentença relativa. Entretanto, as autoras não mencionam como foram coletados e analisados os dados que embasam essa afirmação. Por nossa análise, não encontramos essa marcação, com pausas e/ou expressão facial, marcando a introdução de relativa, nos dados gravados em vídeo.

Por sua vez, Prado (2014), faz uma breve descrição dessas estruturas em seu estudo, uma vez que esse não foi o seu foco. A autora diz, entretanto, que o método de coleta foi realizado através da proposição de sentenças relativas escritas em português para que os participantes surdos as realizassem em LSB, sendo transcritas as suas produções no momento da coleta, e não gravadas em vídeo. Nesse sentido, não é possível realizar uma análise comparada com a proposta de Quadros, Pizzio e Rezende (2008), acerca da presença ou não de algum elemento que realize o papel de um morfema relativo. Prado (2014) não faz qualquer menção a esse aspecto, mas afirma que o antecedente de relativas só pode ser gramatical se realizado por Loc-ellipse nominal (16a/b) ou Loc-N (15a), sendo agramaticais essas construções com os formatos \*N-Loc (15b) e \*N (15c).

Por nossa análise, a primeira observação que fazemos é que não encontramos qualquer elemento foneticamente realizado (ou pausa, ou expressões faciais) que funcione como um morfema relativo, em analogia com as línguas orais, como o português. Nesse sentido, em estudos posteriores, faremos uma análise mais aprofundada dessas estruturas, com base na proposta de Kayne (1994), que investigou estruturas do inglês em registro informal, as quais também não apresentam um elemento marcado na posição de um morfema relativo.

Outra observação é quanto às possibilidades de realização do termo antecedente nas estruturas relativas em LSB analisadas, até o momento. Nesse sentido, identificamos que o antecedente pode ser expresso por três formas: (i) por um Loc isolado (18a); por um N próprio (18b), o que corrobora a proposta de Smith (1964), Cooper (1983) e Kayne (1994); e (iii) por N (próprio) + Loc (18d).

Quanto ao elemento relativizado nessas estruturas, ele pode aparecer foneticamente realizado ou nulo. Nesse sentido, ainda são necessários mais estudos, no sentido de identificar em quais contextos é possível ou não esse apagamento. Além disso, os dados mostram que o Loc pode exercer o papel de pronome resumptivo (18c) da oração encaixada.

Dessa forma, entendemos que em estruturas interpretadas como relativas apositivas, o Loc funciona como pronome resumptivo, constituindo, sozinho, um DP. Já em estruturas interpretadas como relativas restritivas, o Loc desempenha um papel de determinante, e, nesse sentido, adotamos a proposta de Prado (2014).

### Referências Bibliográficas

BATTISON, R. **Phonological deletion in American sign language**. Sign Language Studies, v. 5, 1974.

\_\_\_\_\_. **Lexical borrowing in American sign language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

\_\_\_\_\_. **The Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. **The Minimalism Program**. Massachusetts: the MITPress, Cambridge, 1995.

COOPER, R. **Quantification and Syntactic Theory**. Dordrecht/Boston/London: D. Reidel Publishing Company, 1983, 217 p. <https://doi.org/10.1007/978-94-015-6932-3>

KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I; KATO, M. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 223-261.

KATO, M.; NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. Trabalho apresentado no Workshop do **Projeto Temático: A Sintaxe do Português Brasileiro**. 2007.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo raising**. 2002. 145p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

KAYNE, R. S. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1994, 186p.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição**. São Paulo/SP, 2008. Tese (doutorado em Linguística). UNICAMP, 2008.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO-SILVA, M. C.; LOPES, R. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

PIZZIO, A. L. ; QUADROS, R. M. de ; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis/SC: UFSC, 2009.

PRADO, L. C. **A categoria dos determinantes na língua brasileira de sinais: aspectos sintáticos e de aquisição**. Vitória da Conquista/BA, 2014. Dissertação (mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, 2014.

PRADO, L. C.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Dêixis em elementos constitutivos da modalidade falada de línguas de sinais. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, p. 38-57, 2012.

PRADO, L. C.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. A Categoria dos Determinantes na Língua Brasileira de Sinais. In: PILTATI, E. N. S. (Org.). **Temas em Teoria Gerativa: Homenagem a Lucia Lobato**. 1 ed. Brasília - DF: Blanche, 2016, v. 1, p. 157-167.

ROSS, J. R. **Constraints on Variables in Syntax**. 1967. 523p. Tese (Doutorado) — Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1967.

ROUVERET, A. "Présentation" e "Postscript". In: CHOMSKY, N. **La nouvelle syntaxe**, Paris: Ed. Du Seuil, 1987. 379p.

SALLES, H. M. **Prepositions and the Syntax of Complementation**. PhD Thesis, University of Wales, 1997.

\_\_\_\_\_. Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português. **Revista Letras**, 56, 2001, p. 177-191.

SMITH, C. Determiners and relatives clauses in a generative grammar. In: REIBEL, D. A.; SCHANE, S. A. (Eds.). **Modern Studies in English: Readings in Transformational Grammar**. New York: Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1964, p. 247-263.

STOKOE, W. **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language**. Maryland: Linstok Press, 1960.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. 1983. 273p. Tese (Doutorado) — University of Pennsylvania, Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

Artigo recebido em: 01.06.2017

Artigo aprovado em: 09.08.2017